

QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS: ANÁLISE DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO

Vinicius Melo Soares¹
Lara de Jesus Mattos²
Gabriela Salomão Alves Pinho³

RESUMO

Este trabalho analisa uma intervenção pedagógica sobre gênero e sexualidade, realizada com estudantes do Ensino Médio em uma escola estadual intercultural em Duque de Caxias/RJ, um território de alta vulnerabilidade social. O objetivo da intervenção pedagógica foi investigar a eficácia de uma prática educativa baseada na desconstrução de estereótipos e também promover uma cultura de respeito entre os alunos. O referencial teórico-metodológico articula a compreensão de gênero como construção social, com base em autoras como Guacira Lopes Louro e Judith Butler, e uma abordagem inspirada na pedagogia da problematização. A intervenção foi organizada como uma “Jornada em 4 Momentos”: partiu-se de uma atividade diagnóstica (“Fato ou Fake?”), seguida pela conceituação dos temas, pela correção coletiva e, por fim, por uma roda de conversa para sistematizar e aprofundar os aprendizados. A partir da análise qualitativa das falas dos estudantes, observou-se uma evidente apropriação dos conceitos-chave, como a diferenciação entre gênero/sexo e orientação/opção, e, de modo ainda mais significativo, a evolução para um pensamento ético que articula o desrespeito à diversidade com a violação dos direitos humanos. Conclui-se que a abordagem se mostrou eficaz para o engajamento dos jovens em um tema sensível, validando a potência da escola como espaço para a formação cidadã e para a desconstrução de preconceitos.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação, Formação Cidadã.

INTRODUÇÃO

A educação em gênero e sexualidade na escola básica ocupa um lugar central e, por vezes, conflituoso no cenário brasileiro. Em um país marcado por profundas desigualdades, a escola emerge como um espaço estratégico não apenas para a formação acadêmica, mas para a construção de uma cultura de respeito e para o enfrentamento de violências estruturais. É nesse contexto que se insere o presente trabalho, que analisa uma

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro – RJ viniciusquimica10@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro – RJ, dejesuslara148@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ gabriela.pinho@ifrj.edu.br;



intervenção pedagógica realizada em um território emblemático por seus contrastes: a Baixada Fluminense.

A pesquisa foi desenvolvida no Ciep 218 Ministro Hermes Lima, em Duque de Caxias, um projeto de ensino médio intercultural em tempo integral. Fruto de uma parceria entre a Secretaria de Educação do Rio de Janeiro e o Centro Cultural Brasil-Turquia, a escola se estabelece como um contraponto ao determinismo social de seu entorno. Localizada em Jardim Gramacho, bairro conhecido pela vulnerabilidade social e pelo estigma do antigo aterro sanitário, a instituição aposta na transformação social através de um projeto que une formação tecnológica a um intenso diálogo cultural (Centro Cultural Brasil-Turquia, 2016).

Se a escola já se destaca por sua vocação em superar barreiras geográficas e culturais, esta intervenção partiu da premissa de que essa expansão de horizontes deveria incluir também a desconstrução de fronteiras simbólicas internas, que regulam corpos, identidades e afetos. A proposta foi aprofundar uma dimensão igualmente essencial da formação humana: o questionamento de normas sociais que restringem a expressão, a autoestima e o bem-estar dos estudantes.

O público-alvo foram os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, jovens em plena fase de construção de identidade. Nessa etapa da vida, temas como gênero e sexualidade não são apenas conteúdos, mas realidades vividas que impactam diretamente suas relações e saúde emocional. Por isso, a intervenção foi estruturada sob o tema gerador “Gênero e sexualidade: quebrando estereótipos e promovendo respeito”, uma resposta à urgência de se debater essas questões como ferramentas para a prevenção de violências e para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva.

Diante deste cenário, o presente artigo tem como objetivo apresentar e analisar o percurso metodológico, os resultados e os impactos desta intervenção pedagógica. Ao investigar a relevância da abordagem para a realidade do Ciep 218, busca-se contribuir para a reflexão sobre práticas educativas transformadoras, capazes de acolher a diversidade e de ampliar os horizontes subjetivos, sociais e políticos dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escolha do tema gerador “Gênero e sexualidade: quebrando estereótipos e promovendo respeito” não surgiu apenas como definição de conteúdo curricular. Foi uma decisão metodológica pensada estrategicamente para dialogar com a realidade dos



estudantes do Ensino Médio do Ciep 218 e, ao mesmo tempo, garantir densidade conceitual e relevância social. O desafio, desde o início, foi transformar conceitos teóricos robustos em experiências pedagógicas vivas, capazes de provocar reflexão crítica e gerar impacto real no cotidiano escolar.

Começar pela desconstrução de estereótipos não foi um acaso. Eles fazem parte do vocabulário e da vivência de qualquer adolescente, muitas vezes naturalizados a ponto de passarem despercebidos. Frases como “menino não chora” ou “mulher tem que se dar ao respeito” não são meros ditos populares: são dispositivos de regulação social que, desde cedo, moldam afetos, limitam comportamentos e influenciam escolhas. Como nos lembram Guacira Lopes Louro (1997) e Joan Scott (1995), o gênero não é um dado biológico imutável, mas uma construção histórica e social. Ao trabalhar com exemplos concretos do dia a dia, buscou-se aproximar os estudantes dessa base teórica de forma experiencial, ajudando-os a identificar e questionar padrões que atravessam suas próprias histórias.

O segundo eixo, “promover respeito”, é o que dá direção ética à proposta. O objetivo não foi apenas informar, mas contribuir para formar sujeitos capazes de conviver com a diferença e reconhecer a dignidade do outro. Nesse sentido, a discussão de gênero e sexualidade foi deslocada do campo polarizado das “opiniões pessoais” para o terreno dos direitos humanos, em sintonia com as Competências Gerais 9 (empatia e diálogo) e 10 (responsabilidade e cidadania) da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Criar um espaço seguro para o diálogo, conceito central em práticas pedagógicas antidiscriminatórias, foi fundamental. Essa prática se alinha à proposta de autoras como bell hooks (2013), que vê a sala de aula como uma comunidade de aprendizes onde as experiências de todos são valorizadas. Nesse ambiente, dúvidas, experiências e até desconfortos puderam emergir, mas sempre sustentados pelo compromisso coletivo com a escuta, o respeito e a aprendizagem.

A potência dessa proposta se amplia quando inserida no contexto socioterritorial do Ciep 218. Como já discutido, a escola atua como um contraponto ao determinismo social, oferecendo uma educação pública de qualidade em meio a uma realidade marcada por desigualdades históricas. Nesse cenário, os estereótipos de gênero funcionam como engrenagens simbólicas de um determinismo cotidiano: eles limitam afetos, reduzem horizontes e alimentam ciclos de exclusão e violência. Desafiá-los é também enfrentar estruturas que naturalizam a desigualdade. Judith Butler (2003) analisa como as normas de gênero operam como mecanismos reguladores que definem quais corpos, desejos e



identidades são considerados legítimos. Já Guacira Lopes Louro (2004) aponta que estereótipos atuam como dispositivos de poder, moldando comportamentos, silenciando diferenças e organizando as relações sociais sob uma lógica de controle. Romper com esses padrões, portanto, não é apenas ampliar as possibilidades de existência dos sujeitos, mas tensionar as bases simbólicas que sustentam desigualdades na escola e na sociedade. No caso do Ciep 218, que já abriga um projeto intercultural entre Brasil e Turquia, essa discussão ganha ainda mais sentido. A vocação para o diálogo com a diversidade linguística e cultural pode se expandir para a valorização de diferentes corpos, identidades e formas de amar que compõem a própria comunidade escolar.

Para garantir precisão conceitual, a utilização de termos como cisgênero, transgênero e travesti tomou como referência o Manual de Comunicação LGBTI+ (REIS; CAZAL, 2018), que propõe uma comunicação inclusiva e livre de termos depreciativos. Assim, a escolha do tema se justifica não apenas pela relevância social e atualidade do debate, mas pela sua potência pedagógica e transformadora. Ao partir dos estereótipos, tornamos o conceito de gênero mais próximo e experienciável; ao ancorar a proposta na ética do respeito, criamos condições para um diálogo real; e ao articular tudo isso ao projeto político-pedagógico do Ciep 218, reforçamos o compromisso com uma educação que reconhece a diversidade como valor e a transformação social como horizonte.

METODOLOGIA

A intervenção pedagógica foi estruturada como uma "Jornada em 4 Momentos" para acompanhar o processo de aprendizagem do aluno: partiu-se de uma problematização que gera interesse (Desafio Inicial), ofereceu-se o conhecimento sistematizado (Conceituação), promoveu-se a utilização desse conhecimento (Aplicação) e finalizou-se com a conexão com a vida (Síntese). Com duração de 60 minutos, a aula seguiu, portanto, uma progressão didática que partiu da problematização para a consolidação do conhecimento.

A aula iniciou-se com a apresentação do tema e do conceito-chave de estereótipo — definido como um rótulo ou "caixinha" que a sociedade cria para classificar as pessoas. Inicialmente, os alunos foram convidados a expor suas opiniões, para, em seguida, o conceito ser apresentado. Em seguida, como forma de diagnóstico e problematização inicial, foi lançada a atividade "Mão na Massa: Fato ou Fake?". Os alunos, em grupos, debateram sete afirmações sobre gênero e sexualidade e registraram suas conclusões



iniciais. As respostas foram deixadas em aberto propositalmente, a fim de criar uma "necessidade de saber" que justificasse a etapa seguinte de conceituação.

Tendo as dúvidas e os debates iniciais da turma como pano de fundo, este momento foi dedicado a instrumentalizar os alunos com um vocabulário preciso e respeitoso para a discussão. Por meio de uma exposição dialogada, apoiada por slides, foram apresentados os conceitos fundamentais que estruturam o debate sobre gênero e sexualidade. A abordagem buscou criar uma "caixa de ferramentas" conceitual que permitisse aos estudantes revisar as afirmações da atividade inicial com um novo olhar.

O percurso expositivo foi organizado da seguinte forma:

Primeiramente, foram apresentadas as definições macro de Sexo, Gênero e Sexualidade, estabelecendo a distinção fundamental entre a dimensão biológica (sexo), a sociocultural (gênero) e a afetivo-sexual (sexualidade). O objetivo era deixar claro desde o início que esses três termos não são sinônimos e operam em campos diferentes da experiência humana.

Em seguida, aprofundou-se a ideia de gênero como uma construção social. Utilizando ícones visuais, demonstrou-se como instituições sociais como a Família, a Escola, a Mídia e a Religião influenciam e ensinam os papéis de gênero. Para materializar essa ideia, foram apresentados exemplos históricos, como o uso de salto alto e maquiagem por homens na aristocracia europeia e a associação da cor rosa a meninos até o início do século XX. Essa contextualização histórica foi crucial para demonstrar visualmente que as normas de gênero não são fixas nem naturais, mas sim convenções que mudam radicalmente com o tempo e a cultura.

O ponto alto da conceituação foi a apresentação da "Figura do Gênero", uma ferramenta didática que desmembra a identidade de uma pessoa em quatro componentes independentes: Identidade de Gênero (o sentir interno), Expressão de Gênero (a apresentação ao mundo), Sexo Biológico (as características corporais) e Atração Sexual (a orientação). A utilização dessa figura foi estratégica para consolidar visualmente a ideia de que esses elementos não são necessariamente alinhados e que a complexidade humana não cabe em caixas simplistas.

A partir da "Figura do Gênero", cada um dos seus quatro componentes foi detalhado, sempre reforçando a ideia de que se trata de espectros.

- Para o Sexo Atribuído ao Nascer, foram definidos os termos masculino, feminino e intersexo.



- Para a Identidade de Gênero, foram explicados os conceitos de cisgênero, transgênero e não-binário, com um destaque especial para a identidade travesti e sua importância política e cultural no Brasil.
- Para a Orientação Sexual, foram apresentadas as definições de heterossexual, homossexual, bissexual, panssexual e assexual.
- Para a Expressão de Gênero, foram discutidas as expressões feminina, masculina e neutra/andrógina.

Por fim, a conceituação foi encerrada com um slide prático intitulado "Substitua o preconceito por informações corretas". Neste momento, foram abordados três erros terminológicos comuns (o uso de "hermafrodita", "homossexualismo" e "opção sexual"), explicando didaticamente por que são inadequados e quais são os termos corretos a serem utilizados. Essa etapa teve o objetivo de traduzir o aprendizado conceitual em uma ferramenta prática de comunicação respeitosa.

Com essa base conceitual estabelecida, a aula retornou à atividade "Mão na massa: Fato ou Fake?". Este terceiro momento foi dedicado à correção coletiva e à consolidação da aprendizagem. Os alunos foram convidados a reavaliar as sete afirmações, agora utilizando as "ferramentas" recém-adquiridas para justificar suas respostas e desconstruir os mitos.

Encerramos a atividade com abertura de um momento de reflexão, O objetivo era internalizar a experiência e conectá-la com o cotidiano. A pergunta norteadora "Por que a escola precisa ser um lugar onde todo mundo se sinta seguro e respeitado, não importa a identidade de gênero ou orientação sexual?" buscou destacar o processo de aprendizagem deles. Este momento final serviu para transformar a reflexão em um compromisso ético com a convivência no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da atividade gerou resultados significativos, tanto para a turma trabalhada quanto para os mediadores do grupo.

Para aprofundar a análise do impacto na turma, foram registradas algumas respostas dos alunos durante a atividade "Mão na massa: Fato ou Fake?". A seguir, é apresentada uma análise qualitativa dessas falas, que revelam o processo de apropriação conceitual e reflexão ética dos estudantes.

Apropriação dos Conceitos e Dificuldades Persistentes: A maioria dos alunos demonstrou ter compreendido a distinção central entre sexo e gênero, como evidencia a



resposta: “*Não, porque sexo é biológico e gênero é o que a pessoa se identifica*”. Da mesma forma, a afirmação de que a identidade de gênero pode ser diferente do sexo de nascimento foi confirmada com segurança: “*Sim, ela nasceu com um sexo, mas se identifica como outro*”. Contudo, a persistência de confusões, como na fala “*gênero é orientação sexual e sexo é identidade*”, revela a complexidade do tema e a importância de reforçar continuamente essas distinções em futuras práticas pedagógicas.

A Desconstrução da Ideia de "Escolha": O debate sobre a orientação sexual ser ou não uma escolha foi particularmente rica. A maior parte da turma refutou a ideia de "opção", utilizando argumentos como “*Não, a pessoa já nasce assim*” ou, de forma ainda mais precisa, “*A pessoa se descobriu conforme o tempo*”. Esta última fala é muito potente, pois capta a essência da orientação como um processo de descoberta de si. É notável que, mesmo em uma resposta que utiliza o termo "opção", o aluno a contextualiza como um processo de "identificação", o que sugere um pensamento em transição e a superação do senso comum.

Desenvolvimento do Pensamento Crítico e Ético: Os impactos da atividade foram além de simples apropriação de conceitos, alcançando o desenvolvimento do pensamento crítico e ético. Na pergunta sobre a cirurgia de redesignação sexual, a justificativa “*Não, porque ‘todos’ é muito abrangente, cada pessoa entende de uma forma diferente sobre si próprio*” revela uma habilidade de análise lógica que vai além da memorização. O impacto mais significativo, contudo, foi a capacidade dos alunos de conectar o tema a uma esfera de cidadania. A resposta à pergunta sobre desrespeito ser uma forma de violência — “*Sim, está ferindo os direitos humanos*” — demonstra que a aula conseguiu elevar a discussão para um patamar de direitos fundamentais, um dos objetivos centrais da intervenção. A absorção da mensagem ética da aula foi sintetizada em respostas diretas e claras, como “*sim, cada pessoa usa a roupa que quiser*” e “*Sim, temos que respeitar*”.

Dessa forma, a análise das falas dos alunos oferece uma evidência concreta do processo de aprendizagem e reflexão ocorrido durante a aula, validando a eficácia da metodologia aplicada.

O impacto mais visível foi a qualificação do debate. Durante a correção coletiva, os alunos conseguiam mobilizar os conceitos de identidade de gênero, expressão e orientação sexual para construir argumentos mais complexos. A turma estava muito receptiva e aberta ao diálogo e debate e, mesmo com alguns tímidos, expuseram suas opiniões sobre o assunto.



Para alguns deles a aula foi apenas uma revisão de conceito, pois disseram que em séries anteriores já haviam trabalhado a temática com eles, porém houve uma clara apropriação do vocabulário, o que permitiu uma discussão mais respeitosa e menos baseada em opiniões desinformadas.

A ferramenta “figura do gênero” se mostrou eficaz, já que alguns relataram que gostaram dessa abordagem e conseguiram entender melhor o assunto após apresentação da mesma. O formato das atividades, que valorizava a escuta, sensibilizou os estudantes para a diversidade de vivências. Até a professora regente tirou dúvidas conosco sobre o tema.

A experiência revelou-se imensamente formativa para os mediadores. O desafio de mediar um tema tão complexo evidenciou a importância da flexibilidade, da escuta sensível e do planejamento cuidadoso. A metodologia de "problematização-instrumentalização-consolidação" mostrou-se extremamente eficaz na prática. A vivência solidificou o entendimento de que a teoria pedagógica só ganha vida na interação real com os estudantes, reforçando a convicção sobre o papel social do educador e a urgência de pautar os direitos humanos na educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho no Ciep 218 Ministro Hermes Lima permitiu confirmar a potência da escola como espaço de transformação. Em um território de tantos desafios, abordar temas como gênero e sexualidade não se mostrou um desvio de currículo, mas uma ação central na formação de cidadãos autônomos, críticos e empáticos, em total consonância com a proposta emancipatória da própria instituição.

A metodologia ativa, estruturada em uma "Jornada em 4 Momentos", provou-se acertada, permitindo que os estudantes fossem protagonistas de sua aprendizagem. A estratégia de partir de uma atividade de problematização ("Mão na massa: Fato ou Fake?") para só então apresentar as ferramentas conceituais gerou um engajamento notável e tornou a aprendizagem visivelmente significativa, como demonstrado na análise das respostas dos alunos.

Os resultados, observados na qualificação do debate e no desenvolvimento de uma reflexão ética pautada nos direitos humanos, indicam que há, por parte dos jovens, uma grande demanda por espaços de diálogo seguros e bem orientados para discutir temas que atravessam suas vidas. A escola, ao abrir essa porta, cumpre seu papel de educar de forma



integral, indo além do conteúdo curricular tradicional e atuando na formação de sujeitos mais conscientes e respeitosos.

Reconhece-se, contudo, as limitações de uma intervenção pontual e da própria análise, que se baseia nas falas dos alunos que se manifestaram. O silêncio ou a participação mais tímida de alguns estudantes, embora não signifique ausência de reflexão, aponta para a necessidade de abordagens contínuas e diversificadas que possam acessar e acolher também aqueles que não se sentem confortáveis no debate oral em grande grupo. A desconstrução de preconceitos tão arraigados socialmente é um processo contínuo, que não se esgota em uma única atividade. Para que o impacto seja duradouro, seria fundamental que a abordagem sobre gênero e sexualidade se tornasse parte do projeto político-pedagógico da escola, de forma transversal e permanente, com a realização de mais debates, a formação continuada dos professores e o estabelecimento de canais de diálogo com as famílias.

Conclui-se este trabalho reafirmando a importância e a urgência da educação em gênero e sexualidade na escola básica. A experiência no Ciep 218, com todas as suas complexidades e potências, reforça a certeza de que investir no debate sobre diversidade e respeito não é uma questão acessória, mas um pilar central para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e, acima de tudo, mais humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 Jul. 2025.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CENTRO CULTURAL BRASIL-TURQUIA. **O Ensino Médio Intercultural Brasil-Turquia começa a funcionar no Rio de Janeiro**. 2016. Disponível em: <http://brasilturquia.com.br/o-ensino-medio-intercultural-brasil-turquia-comeca-a-funcionar-no-rio-de-janeiro-1271.html>. Acesso em: 24 Jul. 2025.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REIS, T; CAZAL, S. (org.). **Manual de comunicação LGBTI+**. 3. ed. Curitiba: Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual – IBDSEX, 2021. 1 recurso online (PDF). (Enciclopédia LGBTI+; 1). ISBN 978-65-991261-9-2. Disponível em: <https://www.aliancagbti.org.br>. Acesso em: 25 Jul. 2025.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

ANEXO

Perguntas trabalhadas na atividade “Mão na massa: Fato ou Fake? e algumas respostas captadas:

A seguir, são apresentadas as sete afirmações utilizadas na atividade “Mão na Massa: Fato ou Fake?”, bem como uma amostra das respostas e justificativas orais dos alunos, que serviram como base para a análise na seção “Resultados e Impactos da Atividade” deste relatório.

1- Gênero e sexo são a mesma coisa.

- “*discordo. Sexo seria conforme você nasceu, já gênero é aqui que você se identifica*”;
- “*fake, não é verdade pois genero é orientação sexual e sexo é identidade*”;
- “*Não, porque séxo é biológico e gênero é o que a pessoa se identifica*”.

2- Ser gay ou lésbica é uma escolha.

- “*Não, a pessoa já nasce assim*”;
- “*Eu acho que é uma opção, mas porque a pessoa se identifica em algum momento e acaba mudando*”;
- “*Não, por conta de que, nesse caso, as pessoas ja nascem se atraindo por pessoa do mesmo sexo*”;



- *“A pessoa de descobriu conforme o tempo”.*

3- Toda pessoa trans quer fazer cirurgia de redesignação sexual.

- *“Não, porque ‘todos’ é muito abrangente, cada pessoa entende de uma forma diferente sobre si próprio”;*
- *“Não, pois nem toda pessoa sente vontade de fazer”*

4- Roupas e cores não têm gênero.

- *“Sim, cada pessoa usa a roupa que quiser”;*
- *“Sim, não é seu gênero que define aquilo que você usa”.*

5- A identidade de gênero de uma pessoa pode ser diferente do sexo com que ela nasceu.

- *“Sim, pois está em processo de descoberta”;*
- *“Sim, ela nasceu com um sexo mas se identifica como outro”.*

6- O desrespeito à identidade de gênero e à orientação sexual pode ser considerado uma forma de violência.

- *“Sim, está ferindo os direitos humanos”*

7- O respeito à diversidade vem antes de qualquer opinião pessoal.

- *Sim, temos que respeitar*

